



Entre Múltiplas Amazônias: Abordagens do Guia de Exposição Museológica “Amazônia Urgente – Cinco Séculos de História e Ecologia”, de Berta Gleizer Ribeiro

Multiple Amazonia: Approach to the Museological Exhibition Guide “Urgent Amazon – Five Centuries of History and Ecology”, by Berta Gleizer Ribeiro

NICOLAU, Ellen<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo busca contribuir na valorização da produção intelectual brasileira assim como no uso de guias de exposição como fontes históricas implicadas de viés global por meio do trabalho da etnóloga Berta Gleizer Ribeiro e suas considerações sobre a Amazônia. Ponderar dinâmicas intelectuais de produção, aperfeiçoamento de técnicas e saberes através do material de pesquisa e de exposição museológica, intitulados *Amazônia Urgente – Cinco séculos de História e Ecologia* evoca narrativas e imagens que foram importantes na ruptura de paisagens genéricas e pressupõem uma Amazônia que é, em si, fruto de conexões e materialização de diversidades históricas. Nessa experiência cultural e política de elaboração, atuação e análise busca-se pensar o guia, publicado como livro de Arte, com fluidez de formato e como uma oportunidade de ampliar a percepção de diferentes saberes em suas complexidades, de maneira qual seja capaz de colaborar nos processos de fomento aos estudos dos contextos latino-americanos de exposições, pesquisas, protagonismos e formação crítica acerca das

<sup>1</sup>Historiadora pela FCL UNESP Assis, Técnica em Museologia pelo CPS e estudante de especialização em História, Museologia e Divulgação da Ciência e da Saúde pelo Instituto Butantan (ellennicolau24@gmail.com).

problemáticas ambientais e indigenistas da década de 1980 com o exemplo do Brasil.

**Palavras-chave:** Berta Gleizer Ribeiro. Amazônia. Museologia. Guia de Exposição.

**Abstract:** This article seeks to contribute in the valorization of Brazilian intellectual production as well as the use of exposure guides as historical sources involved in global bias through the work of the ethnologist Berta Gleizer Ribeiro and his considerations about the Amazon. Pondering intellectual dynamics of production, improvement of techniques and knowledge through research material and museological exhibition, entitled *Urgent Amazon - Five Centuries of History and Ecology* evoke narratives and images that were important in the rupture of generic landscapes and presuppose an Amazon that is itself, fruit of connections and materialization of historical diversities. In this cultural and political experience of elaboration, performance and analysis, aim to think of the guide, published as an Art book, with fluidity of format and as an opportunity to broaden the perception of different knowledge in its complexities in a way that is able to collaborate in processes of promotion to the studies of the Latin American contexts of expositions, researches, actuations and critical formation about the environmental problems and indigenous questions of the decade of 1980 with the example of Brazil.

**Keywords:** Berta Gleizer Ribeiro. Amazon. Museology. Exhibition Guide

**Introdução** “A história é busca, portanto escolha. Seu objeto não é o passado”

(LE GOFF, 2002, p.24)

No que tange aos caminhos de busca, assim como na História, a entrada pela floresta não costuma ser fácil. Seja pelas condições ambientais inóspitas à fragilidade humana, ao enfrentamento de imaginários<sup>2</sup> tensionados por criaturas aterrorizantes e, posteriormente, aos desafios “legais” de se reconhecer como pertencente à floresta. Se assim for, os obstáculos de percorrer os *peabirus*<sup>3</sup> se colocam neste artigo através da implicação em produção de conhecimento no presente vivido, ou nas palavras de Hartog (2013, p.90) “entre o acontecimento decisivo pelo qual tudo já está concluído e o desfecho final que mostra bem que nem tudo ainda está acabado”, tornando a publicação de uma exposição como livro e o presente estudo, um instrumento objetivo na produção de debates, materialização de tensões globais e difusão científica.

A evidência de demandas críticas de pesquisa nas questões socioambientais amazônicas está implicada de possibilidades e relações que visem “entender a riqueza das diversas manifestações culturais de diferentes povos sem achar que essa riqueza precise ser destruída, explorada ou possuída” (MUNDURUKU, 2010, p.8) suscitando amplidão de diálogos que circundam pelos sentidos e convenções interpretativas de processos históricos, nos quais as considerações elencadas na obra e a História, assim como Le Goff se refere à obra de Bloch como um livro inacabado, porém ato completo corresponde a um instrumento de responsabilidade crítica aos seus tempos, fazendo

<sup>2</sup> Um exemplo da solidificação do imaginário amazônico na produção artística é a exposição *Amazônia By Maria*, da artista mineira Maria Martins em 1943 na Valentine Gallery em Nova York junto à exposição de Piet Mondrian. A artista nunca visitou a região, mas produziu uma série de obras a partir de referências hipotéticas reveladas pelo caráter fantástico presente na maioria das peças.

<sup>3</sup> *Peabirus* são conhecidos como os ‘caminhos históricos’ traçados ao longo das florestas pelas populações indígenas sul-americanas e usados no período colonial com fins exploratórios de ligar o litoral ao interior das terras.

com que a pesquisa de Berta Ribeiro, de marco fundamental em áreas como a Etnologia e a Museologia seja à luz das análises da História, um exemplo de ato completo em sua interdisciplinaridade, atualidade, recorte e condições materiais de envolvimento ao assumir compromissos com a sociedade e o território.

No panorama das discussões relacionadas à Amazônia em suas complexidades socioambientais, este artigo busca conectar um eixo dos trabalhos de Berta Gleizer Ribeiro (1924-1997), considerada uma das maiores autoridades em estudos sistemáticos da cultura material de populações indígenas brasileiras voltados às problemáticas ambientais, em especial a investigação pautada na Etnomuseologia<sup>4</sup> feita acerca da Hiléia e sua divulgação científica. Sobre esse termo, é importante colocá-lo em perspectiva histórica, pois foi usado pela primeira vez por Friedrich Alexander von Humboldt (1769-1859) para se referir à floresta Amazônica e percebe-se que seu uso no guia ressalta a ênfase de historicidade dos estudos no tema, caracterizando o mapeamento da imensidão de trabalhos e a publicação como um sintomático avanço na compilação das pesquisas e sua atualização na década de 1980.

Os significados da palavra guia fornecem a amplidão de se conduzir e ser conduzido assim como de ser caminho para determinada parte. Nas propostas aqui apresentadas a condução tem sentido amazônico e se dirige a uma espécie de *museologia indisciplinada*,<sup>5</sup> que ao crescer de mãos dadas com a vida torna-se um testemunho de crescentes incômodos agregados à pesquisa em suas dimensões política e global acerca dos dilemas socioambientais. Assim, ao transitar entre taxonomias editoriais de livro de Arte, catálogo de exposição e ferramenta didática pois é carregado de caráter de denúncia no presente vivido e direto dever no rompimento de narrativas coloniais adota-se o termo original de guia, revelando diferentes suportes que ensejam multiplicidade de fontes e orientam novas concepções expográficas de envolvimento como estratégia na transmissão de experiências de pesquisa de campo e acervo multiplicando a revelação de paisagens inseridas em circuitos científicos pouco acompanhados em geral e portanto pouco reconhecidos socialmente.

Diante de múltiplas narrativas amazônicas, expostas por gravuras, fotografias, descrições, ilustrações científicas, relatos, mapas, gráficos, esquemas didáticos e excertos de periódicos o material concilia historicidade e denúncia com o enfrentamento, ainda que em alguns aspectos harmonioso, de fontes que culminam como resultado a organização da exposição “Amazônia Urgente – Cinco séculos de História e Ecologia” em 1990 e a publicação do guia da exposição em 1991. Com objetivos ambiciosos, o guia aspira a narração da “história da ação humana sobre os diversos ecossistemas amazônicos, desde a pré-história até os nossos dias” (RIBEIRO, 1991, p.15), contudo, caracteriza importante fonte nos estudos interdisciplinares voltados aos processos de descolonização da História, da sensibilização integral ao tema e na própria sistematização de dados de caráter intercultural, tornando a pesquisa, no que diz respeito ao esforço de

<sup>4</sup> Em artigo de 1994 (p.199), denominado Etnomuseologia: da coleção à exposição, Berta se refere a exposição que deu origem ao guia assim como a exposição *Índios do Brasil*, de Luís Donisete Benzi Grupioni (1992) como experiências que “procuram informar a qualidade e a força das ideias que originaram e produziram objetos de sentido econômico, social e simbólico” oferecendo aos públicos “condições de estabelecer um diálogo criativo com as culturas e as regiões” o que caracteriza um processo etnomuseológico nas concepções da autora.

<sup>5</sup> Esse conceito é cunhado por Pierre Mayrand no Manifeste L'Altermuséologie (2007) e faz referência a museologia que se relaciona diretamente a transformações sociais das quais também se coloca como protagonista.

evitar o eurocentrismo (SANTOS, 2017, p.497) uma refinada solução do ponto de vista da História Global, pois a exposição também concebe novas dimensões nas práticas museológicas ao apresentar a ciência, indígena e não indígena, em perspectivas sociais e científicas da etnobotânica, análise do clima, sistema hídrico e dos solos e preocupações de caráter ecológico voltadas a projetos de exploração da área.

Foram considerados para a elaboração do presente estudo as concepções do sociólogo estadunidense, Immanuel Wallerstein a respeito dos sistemas mundo (1976, p.17) e do historiador alemão Sebastian Conrad (2016, p.90) acerca do conceito de integração na história global, buscando compreender a Amazônia como um sistema social dotado de densidades nas quais suas mudanças socioespaciais podem ser alcançadas somente por meio das contribuições de uma análise histórica profusa e, portanto, sistêmica, que englobe perspectivas de diferentes campos do conhecimento numa estratégia de análise capaz de contemplar questões teóricas e metodológicas dos temas apresentados.<sup>6</sup>

Pensar sobre o presente e, mais que isso, propor interferências sobre esta realidade através de diferentes estratégias de atuação é uma característica importante na obra e na personalidade de ativismo intelectual de Berta Ribeiro. Nascida na Romênia e naturalizada brasileira, sua trajetória mistura-se à história política brasileira, com expedições em campo promovidas por diferentes órgãos e finalidades, atuação como profissional do Museu Nacional da UFRJ, pesquisas nas temáticas indigenistas e de cultura material e o consequente reconhecimento obtido na área, que pode ser percebido pelas diversas premiações relativas aos seus estudos e convites para eventos em importantes instituições.<sup>7</sup>

Os estudos das obras de Berta, ainda escassos se considerada a relevância de sua produção, levantam questões fundamentais nas discussões acerca do panorama da formação de imagens que garantam o reforço de estruturas sociais promotoras de legitimações na identidade étnica com relação a territorialidade a multiplicidade presente nos circuitos amazônicos e suas construções fluidas e cambiáveis (ALMEIDA, 2010, p. 24) intrínsecas a historicidade da floresta e ativação de recursos realizados e almejados das populações frente a problemáticas de justiça ambiental e desigualdades que, contempladas no formato de exposições, fundamentam a elaboração de estratégias que visaram dar visibilidade, promover multidisciplinaridade, a valorização do patrimônio socioambiental e as aspirações amazônicas através da dinâmica da narrativa histórica com a aplicação da ciência museológica num *futuro comum*.

A proposta deste artigo, ao partir do guia da exposição Amazônia Urgente – Cinco séculos de História e Ecologia como fonte de análise em âmbito da História Global suscita os ecos contemporâneos na mobilização de trabalhos que buscaram ouvir e sistematizar demandas ainda não escutadas. Assim, num primeiro momento analisaremos a temática da Amazônia para seguir com alguns apontamentos que buscam ir além das materialidades de uma expografia, pois seu processo museal, além

<sup>6</sup> Nesse sentido, as considerações de JUNIOR e SOCHACZEWSKI (2017, p.487) acerca da história global evidenciam publicação em periódicos que pressupõem a *necessidade de cruzamento histórico* no que tange às inovações e tendências de produção acadêmica na área.

<sup>7</sup> Dentre os diversos prêmios recebidos é possível mencionar o de mérito científico em 1995. Berta também recebeu diversos convites de participação em campanhas e movimentos com temática ambiental, como a Campanha Nacional de Defesa pelo Desenvolvimento da Amazônia (CNDDA), a Fundação Mata Virgem e o Movimento de Apoio e Resistência Waimiri Atoari.

de superar os marcos tradicionais é um desafio de categorização na historiografia do tema, o que visa colaborar na apropriação dos guias de exposição como acervos documentais de pesquisa e ação, caracterizando uma oportunidade de fonte histórica que amplie a percepção de diferentes conjuntos documentais a fim de conversar num viés aglutinador a outras ciências, com objetivos de renovar as pesquisas, salvaguardar as ciências e culturas tradicionais e populares e ampliar as questões da área numa percepção que envolva um modo específico de relação entre História, Museologia e Ecologia.

## Quais são as muitas Amazônias?

A discussão que se travou no Brasil e no mundo ao longo da década de 1980 sobre as questões ambientais inclui os debates econômicos, ecológicos e sociais no manejo do patrimônio natural e nas mudanças do conceito de desenvolvimento devido a introdução da problemática ambiental nas ciências humanas e sua análise investigativa em relação a um *Brasil Moderno*, que segundo Antônio Carlos Robert Moraes (2002, p.17), foi caracterizado pela conquista territorial, dependência econômica externa, concepção estatal geopolítica, estado patrimonial dominante e sociedade massivamente excluída. Trata-se de um viés desenvolvimentista num período de alta inflação, marasmo econômico e industrialização problemática, dotada de um caráter exploratório colonial, que olha a paisagem desprovida de valores que não sejam o de reocupação e remodelamento a um conceito único de progresso e mercantilização dos territórios.

Nas análises de Sérgio Buarque de Holanda (2013, p. 73), essa elitização do domínio do território volta-se a *civilização de raízes rurais*, partindo da concepção de que a estrutura da sociedade colonial brasileira teve sua base fora dos meios urbanos, o que indica a resistência das ocupações da floresta e o antagonismo espacial que marca a incompreensão manifesta ao território amazônico e mais que isso, um empobrecimento intencional e incompatível com qualquer ideia posterior de valorização do que havia ali.

Sobre os problemas que decorrentes do desconhecimento da floresta, a condução de um debate qualificado exige interdisciplinaridade na investigação dos processos de ocupação humana e sua repercussão, compreendendo os espaços da natureza e da cultura como uma biblioteca de referências à História. Através de pesquisas arqueológicas sabemos que a bacia amazônica era densamente ocupada por diferentes povos indígenas no final do século XV e que essa ocupação não era uniforme, variando no tempo e no espaço, o que já caracteriza a complexidade política e ecológica da região, afinal ocupações datadas com mais de 10.000 anos (NEVES, 2006, p. 9) englobam tradições não só de uma das áreas de mais antiga ocupação europeia no Brasil (RIBEIRO, 1982, p. 21) mas de uma das áreas de mais antiga ocupação na América do Sul, conceituada em diferentes fases, pautada em elaborações estratégicas de economia e geopolítica que dizem respeito a tecnologia, espólio cultural, mão de obra e abusos de cunho exploratório e rompimento do equilíbrio ecológico (RIBEIRO, 1990, p. 92) atravessado sobretudo pelas intencionais fronteiras da colonização, o que caracteriza os trabalhos sobre a região como respostas historiográficas à descolonização de pesquisas no campo da museologia e da História.

Nas problemáticas dos estudos sobre a Amazônia, o conceito colonial de valorização do espaço deixou então suas características num viés de superficialidade

e funcionalidade pontual e é nesse sentido que a consideração feita pelo historiador Victor Leonardi (1999, p. 17) nos é precisa:

Só saindo dos estudos generalizantes sobre a ecologia e as populações ribeirinhas da região amazônica (vista, erroneamente, como um todo homogêneo), avançando no estudo multidisciplinar de seus inúmeros e diferenciados ecossistemas tropicais e zonas ecológico-econômicas é que as antigas polêmicas teóricas vão poder ser retomadas e reavaliadas em profundidade.

Menções críticas a estudos considerados reducionistas<sup>8</sup> por grande parte da historiografia do tema foram questionadas também pelo trabalho de Berta ainda na década de 1980, na perspectiva museológica e internacional, buscando aliar problemáticas de pesquisa e de denúncia com a valorização dos modos tradicionais de vida, do direito aos bens culturais das populações amazônicas e na garantia de resguardo deste lugar, entendido em suas complexidades, num viés de difusão cultural crítica e de propriedade de direitos científicos e autorais.

No que toca às questões de patrimônio, pertencimento e as intervenções de uso em espaços já ocupados e estabelecidos historicamente, como é o caso da Amazônia como território, o Estado tem papel fundamental, pois é um elemento quase que predatório em âmbito do uso de recursos e populações locais de acordo com a ideia de desenvolvimento vigente e sua ambição de dependência e poder. Um exemplo claro dessa relação são as constantes tentativas de impedir uma reforma agrária espontânea, advinda das comunidades rurais e suas possibilidades de atuação. Para Octavio Ianni (1979, p. 100), a relação entre crescimento e Amazônia pode ser vista como um conglomerado de autêntica *contrarreforma agrária* comandada pelas elites agrárias inerentes aos governos militares e investimentos privados numa análise que nos contextualiza a dinâmica de produção agrícola e o fortalecimento de latifúndios num panorama profundo das questões de desenvolvimentismo militar e exploração predatória na chamada Amazônia Legal.

É significativo ressaltar impactos da ditadura civil militar diante das populações indígenas que foram brutalmente atingidas no que considerava-se como modernização agrícola<sup>9</sup> ecoando também na produção intelectual brasileira e portanto na direção de Berta, que esteve exilada no Uruguai sistematizando documentos de expedições e se comunicando com outros pensadores latino americanos. Nesse sentido a troca intelectual é fundamental pois é somente num contexto de redemocratização que importantes documentos internacionais<sup>10</sup> começam a ganhar aderência nas práticas museológicas brasileiras, ampliando o campo do patrimônio e a constituição de áreas como a Nova Museologia, a Museologia Social e o fortalecimento de espaços como os Ecomuseus, os Museus Comunitários e a ideia de exposições museológicas extramuros,

<sup>8</sup> Seth Garfield incorpora essa discussão no conceito de *Amazônia Reaberta* (2013, p.7) através do qual demonstra o fracasso da concepção de uma essência universal que visava definir a identidade da Amazônia durante o século XX e o modelamento físico e mental das paisagens.

<sup>9</sup> Ver mais em: GARFIELD, Seth. "Onde a terra toca o céu": Novos horizontes para a política indigenista no início do regime militar, 1964-1973. IN: A luta indígena no coração do Brasil: política indigenista, a Marcha para Oeste e os índios Xavante (1937-1988). São Paulo: Editora Unesp, 2011.

<sup>10</sup> Documentos como a Declaração de Santiago do Chile (1972) e a Declaração de Quebec: Princípios base para uma Nova Museologia (1984).

como é o caso da exposição materializada no guia a fim de obter mais impacto, circulação, sensibilização e promoção de consciência crítica ao tema. Também é importante ressaltar que a presença dos primeiros institutos que tiveram grande importância para os estudos amazônicos, cogitados ainda na década de 1940 como o Instituto da Hileia Amazônica, possuíam objetivos vinculados a realização de levantamentos e inventários de fauna e de flora que culminaram na criação do INPA (Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia) em 1952. Apesar de evidenciarem uma série de mudanças socioambientais não se encontraram aptos posteriormente, em questões temporais e ideológicas, de se posicionarem frente à demanda de desconstruir a ideia de Amazônia como fronteira negociável em diferentes níveis, floresta homogênea e, principalmente, como o ecossistema teste de um modelo de exploração que seria consolidado pelo regime militar, provocando críticas ainda na década de 1970.<sup>11</sup> Afinal, a Amazônia desempenhou um papel de destaque no desenvolvimento do regime (SCHMINK e WOOD, 2012, p. 101) onde as mudanças políticas e as questões ambientais caminham no mesmo ritmo de devastação.

As transformações na região envolveram não só aspectos econômicos de exploração e seus impactos sociais, mas também percepções no imaginário social da população ligados a propostas de manejo frente ao fortalecimento de um modelo brasileiro, específico e único de “desenvolvimento” e é neste momento que a elaboração de uma exposição em 1989 que discuta o panorama e reúna a opinião pública sobre a floresta assim como suas potencialidades, que se apresentam como uma tentativa de discutir o conceito de desenvolvimento numa espécie de balanço pós ditadura militar são grandes avanços do ponto de vista global. Evidências como a Recomendação da UNESCO sobre a Salvaguarda da Cultura Tradicional e Popular e o recebimento de Menção Honrosa no concurso ‘Prêmio Nacional de Ecologia, ambos em 1989, indicam fortemente a conjuntura da redemocratização nas questões abarcadas pela obra de Berta assim como ao papel da reorganização dos movimentos socioambientais, da luta indígena, da postura de intelectuais em desmistificar a ideia de progresso insistida pelo regime, a complexidade da delimitação e invasão das fronteiras, os parâmetros de desenvolvimento exploratório e os mitos construídos sobre a Amazônia em si.

Na ampliação das discussões em torno da redemocratização, da ecologia e do papel de grupos sociais na década de 1980, ressalta-se o protagonismo indígena em suas diferentes ocupações, no tempo e espaços. Da ocupação do delta amazônico ao Congresso em 1988, os modos de viver das populações indígenas ganham amplitude em diferentes frentes de atuação, inclusive na historiografia, mudando a entrada de serviço conferida aos indígenas pelos ‘descobridores’ ao longo da história (CUNHA, 2012, p. 8) e questionando, desde a invasão colonial e o vislumbre da região como objeto de cobiça a reafirmação de que a conquista do território baseada no extrativismo vegetal ditou as regras da racionalidade, ou falta dela, no uso da floresta como base de produção capitalista.

Essa mudança, associada a processos de luta, empoderamento e resistência

---

<sup>11</sup> Uma das principais críticas ambientalistas desenvolvidas a partir da década de 1970 relaciona a destruição ambiental ao crescimento econômico e a necessidade de repensar a lógica do capital em relação à natureza, o que pode ser lido hoje nas tentativas de “crescimento econômico desencaixado do aumento contínuo das quantidades de energias e materiais empregados no processo produtivo” (FENZL, 1997, p. 22).

das populações amazônicas faz parte da consolidação de um dos propósitos de Berta e possivelmente das possibilidades de interpretação e análise de seus trabalhos que consideram variações no “sentido da evolução de um povo, acontecimentos estranhos a ele, transformações internas profundas do seu equilíbrio ou estrutura” (PRADO, 2011, p. 15) supondo os elementos constitutivos da história como um alinhamento de fontes em distribuição democrática a favor de outras interpretações.

É imprescindível notar que no campo intelectual, o peso da colonização dificilmente dialoga com a *heresia dos índios* e apesar dos assolamentos imperativos “as diferenças e assimetrias são sempre transformadas em desigualdades que reforçam a relação mando-obediência” (CHAUÍ, 2000, p. 87) sendo através dessa continuidade e das lacunas de investigação das problemáticas históricas de sujeitos, colocados por Berta como prioritários no interesse das pesquisas da floresta que seu trabalho se destaca como ruptura e é dedicado aos *indígenas, seringueiros, castanheiros, ribeirinhos, pescadores, sitiantes, garimpeiros e carvoeiros* da região, pois a luta estabelecida entre os dilemas desenvolvimentistas deixou um legado fundamental no distanciamento dessas populações dos seus próprios bens culturais e nas concepções de Davi Kopenawa (2015, p. 196), entre a resistência e a fragilidade do céu devido aos desgastes de sua movimentação<sup>12</sup> impulsionada por cobiças historicamente datadas e exibidas na obra de Berta nos eixos de *Trópico úmido: o homem, Economia extrativista na Amazônia e Impacto dos grandes projetos*, urgindo expor os paradigmas da floresta em fragmentos objetivos e repletos de referenciais críticos.

## Amazônia: Produto da integração

Parte-se da ideia de agregação dos ecossistemas amazônicos aos saberes da região e sua complexa manifestação sociocultural no que ressoa a prática e pesquisa museológica. Das plantas domesticadas e semidomesticadas a seu uso na medicina e na culinária, a condução dos conhecimentos envolve majoritariamente as fronteiras da floresta, sendo capaz de conectar saberes ancestrais, diferentes tipos de agricultura e até mesmo a constituição de um modelo próprio de manejo amazônico<sup>13</sup> responsável pela historicidade da paisagem tropical e estabelecimento de sua diversidade.

Existem muitas *Amazônias* e não é pretensão deste artigo sintetizá-las de forma simplificada nem dar uma implicação geocultural de valor a suas características. Focamos, no entanto, em demonstrar o panorama de suas dimensões em outros contextos, como é o caso do museológico. As ações empreendidas nesse sentido representam contribuições que se integram em diferentes campos da ciência perante a matriz Amazônica, as modificações das políticas de colonização e resistência e os problemas ambientais da perspectiva histórica de seu território. A apropriação da linguagem museológica para a projeção do tema nos debates globais é fundamental pois amplia

<sup>12</sup> Para os Yanomami, reconhecidos historicamente pelo intercâmbio amazônico, o céu se movimenta de maneira tal que o destino fatídico seja dado pela sua queda. Na narrativa xamânica de Kopenawa, suas concepções transcendem o campo da antropologia e são abarcadas pelo tom de denúncia a destruição da floresta, da luta e da autonomia dos povos indígenas.

<sup>13</sup> Em níveis de compreensão e aprofundamento, os conceitos e trabalhos de William Balée acerca da etnologia indígena brasileira contemplam não só a dimensão ameríndia como paisagem da Amazônia como a Ecologia histórica através da etnobotânica. Ver mais em: Posey, Darrel A. (Org.); Balée, William. (Org.) 1989 Resource Management in Amazonia: Indigenous and Folk Strategies. Advances in Economic Botany. Bronx, New York: New York Botanical Garden, v.1.

as percepções do ambiente, as condições compartilhadas de pensar intervenções de mudança e as pressões políticas, exigindo comprometer-se a governamentais maiores nas causas tratadas. O fato museal presente na exposição, isto é, “a relação profunda entre o homem, sujeito que conhece, e o objeto, parte da realidade à qual o homem também pertence e sobre a qual tem a capacidade de agir” (GUARNIERI, 1990, p. 7) pauta-se na conexão de compreender o problema no ambiente em que ele é produzido, se configurando como um cruzamento histórico necessário de ser exibido e pensado em suas contradições como desenvolvimento em perspectiva sustentável e exploratória assim como a salvaguarda da floresta e suas populações.

Diante de paradoxos que vão desde vegetação exuberante e solo não tão fértil a relação causal de produção e efeito da natureza, a inclusão de perspectivas promotoras de uma visão crítica da ocupação humana e dos ecossistemas da floresta ajudam a ampliar a compreensão dessas problemáticas principalmente se contempladas na divulgação científica expográfica, fazendo uso da comunicação como maneira de exteriorizar estes temas, ou seja, de adotar o “discurso expositivo como uma modalidade de discurso pedagógico” (MARANDINO, 2015, p. 695) no qual ambos se relacionam de maneira contextual produzindo a interpretação de discursos científicos a outras realidades que fortalecem a dimensão sociológica das relações de construção de conhecimento na *pedagogia museal*.

Em âmbito nacional, como comentado aqui num contexto de redemocratização, é a partir da década de 1980 que as políticas indigenistas ganharam destaque devido a consolidação da visibilidade dada a sociedades indígenas com a criação de órgãos<sup>14</sup> de representatividade política ainda nos anos 1970, que tornaram perceptíveis às instâncias governamentais e não indígenas a importância do estímulo e apoio à luta pelos direitos indígenas que foi mobilizada por diversas etnias e resultou em mudanças significativas presentes na promulgação da Constituição Brasileira de 1988, inaugurando novas perspectivas legais e incluindo as populações indígenas, apesar do hiato entre a lei e o real (CUNHA, 2012, p. 92) na garantia de serem reconhecidos como formadores de suas próprias relações culturais, nas quais em 1991, a instauração de uma comissão com os objetivos de rever o Estatuto do índio, elaborado em 1973 que colocava-os sob a tutela de órgãos representativos do Estado, como o Serviço de Proteção ao Índio (SPI) e posteriormente a Fundação Nacional do Índio (FUNAI) representando imposições que passaram a ser vistas como aglutinadoras das materialidades de direitos e conquistas que consideram as populações indígenas, o território e as políticas públicas como produtos de assimilação, conquista de mentes, almas e diluição em camadas de macro e micro políticas (CUNHA, 2014, p. 11) exercitando o legado de estranhamento que é dever ao olharmos para causas anexadas a essas instituições.

No âmbito dessa integração, entre diferentes concepções de natureza, desenvolvimento e ocupação, mais violenta que harmoniosa, cabe ressaltar que nas palavras de Berta (1983, p. 88):

Dentre os muitos legados indígenas à sociedade que foi constituída em seu território, o mais importante foi, sem dúvida, o do seu sangue e genes. Desde

<sup>14</sup> Como as comissões pró-índio (CPIs), as associações de apoio ao índio (ANAIs), o Conselho Indigenista Missionário (CIMI), o Centro de Trabalho Indigenista (CTI), a Operação Amazônia Nativa (OPAN), o Centro Ecumênico de Documentação e Informação (CEDI), A União das Nações Indígenas (UNIND) e o Núcleo de Direitos Indígenas (NDI).

a primeira hora, a mulher indígena foi o ventre em que se gerou a população que ocuparia o imenso território conquistado.

Essa percepção embasa outro sentido de incorporação, no qual os hibridismos da floresta são colocados intrinsecamente à ideia de brasilidade. Uma pergunta crucial nesse momento advém da Amazônia como sistema, a qual é passível de questionamentos de suas fronteiras sociais visto sua imensidão de território. Na concepção de Wallerstein, os questionamentos das entidades as quais ocorre a vida social podem ser dadas ao invés da sociedade em si, do seu sistema histórico (1976, p. 459) como é o caso da pressão colonial, dos ciclos de exploração de mão de obra e matéria prima como características que foram naturalizadas na estrutura agrária brasileira como os ciclos da borracha, da madeira e da castanha que aparecem nos desdobramentos da pesquisa de Berta assim como na historiografia do tema e na dimensão humana das reflexões de implicações políticas de seu manejo, representado por antagonismos como a tecnologia que desenvolve métodos avançados de recursos alternativos e destruição em rapidez e eficiência ou como o campo governamental que ao mesmo tempo em que possui leis e ações que protegem o meio ambiente e suas populações destrói e burla o que essas leis propõem em práticas que associam diferentes perspectivas predatórias.

### **Perspectivas além de um guia: Amazônia Urgente – Cinco séculos de História e Ecologia (1988-1992)**

O papel atribuído a materiais complementares de exposições museológicas é fundamental não só na sua compreensão como na ramificação da expografia para outros espaços e temporalidades que envolvem a maneira com que o público interage com suas questões. No caso, o conhecimento sobre a Amazônia tem objetivos claros de difusão científica dos bens culturais mapeados e dos anseios de circulação para diferentes públicos.

O destaque dado ao guia é que o mesmo transcende a ideia de catálogo ou livro e tem um formato considerável precursor no campo da pesquisa e publicação museológica. Unindo didatismo a difusão científica reproduz o material expositivo e compila, numa espécie de dossiê, as questões amazônicas e materiais que embasam a discussão ambiental brasileira da década de 1980. O recorte temporal volta-se ao período de montagem das diferentes exposições, do intervalo de publicação entre as versões português e inglês e de marcos políticos do país como a Constituição de 1988 e a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento, ECO92 do que a abrangência das discussões apresentadas na obra.

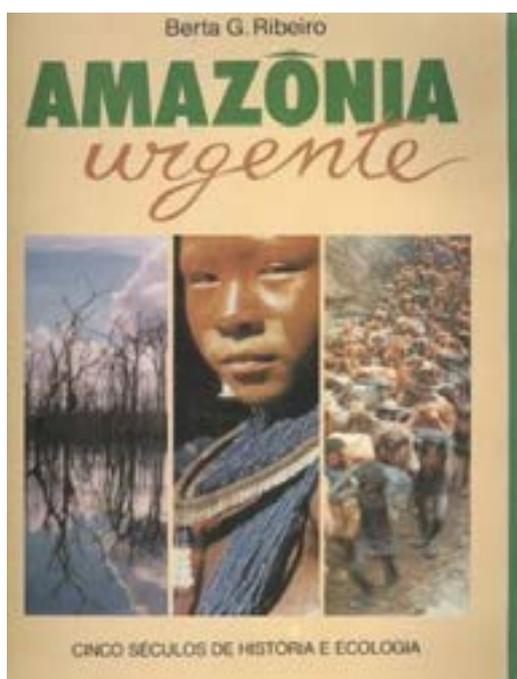
O ano de 1988 é muito significativo no presente trabalho pois além de ser um marco na garantia de direitos culturais como direitos fundamentais é o ano que Berta ingressa como pesquisadora no Museu Nacional da UFRJ e, portanto, na catalogação sistemática de coleções, hoje inexistentes, que foram usadas no guia. No ordenamento brasileiro, “o estado aparece como agente fundamental que distribui de forma não igualitária o reconhecimento de humanidade” (BENTO, 2018, p. 1) e passa a reger ligações sistêmicas de sociedades indígenas inclusas no capítulo VIII, “Dos Índios”, em especial nos artigos 231 e 232 que enxerga “os índios, suas comunidades e organizações como partes legítimas para ingressar em juízo em defesa de seus direitos e interesses...”.

Na ausência da efetividade da legislação indigenista, vista pela pressão dos movimentos indígenas e pelo fracasso no acordo da demarcação de terras pós Carta Magna se insere a visibilidade internacional as questões, exposta aqui pelo viés da ECO92, que também representa um momento importante pois foi realizada logo após o I Encontro Internacional de Ecomuseus, aglutinando preocupações nacionais de renovação da museologia a questões ambientais que se solidificariam em profusão, isto é, como processo de renovação que possibilita a ampliação de narrativas em diferentes espaços em 1993 com a publicação dos cadernos de Sociomuseologia.e da inserção da museologia como caminho no fomento a outras formas de mobilização e processos socioculturais de comunidades amazônica.

A floresta então é colocada em linguagem museológica pelo viés processual da História e da Ecologia, acarretando um denso trabalho de pesquisa, catalogação e mapeamento das produções na área. O movimento museológico implicado na exposição reflete aspirações da Nova Museologia devido a ampliação do conceito de patrimônio ao campo ambiental e dos saberes, do diálogo entre produtores e públicos e do caráter declarado de promoção de ‘consciência ecológica’.

O guia funciona então como uma tentativa de deslindar o sinônimo de fantasia e imprecisão relacionado a Amazônia, que no imaginário coletivo foi muito usado como meio político para fortalecer a ideia de patrimônio biológico de exploração (ESTEVEZ, 1993, p.8) o qual durante grande parte da história do Brasil esteve inclusive vinculado a uma ideia de conquista humana com a exploração sociocultural de diferentes etnias. Apresentado como um material que reproduz os textos e as imagens exibidas na exposição, sua frente já indica sua pretensão. Dividido entre a natureza e seu espelhamento, as populações amazônicas e aos projetos de exploração da região, a publicação é vinculada a terceira série da Coleção Reconquista do Brasil.

**Figura 01** – Capa do Guia em Português, versão de 1990.



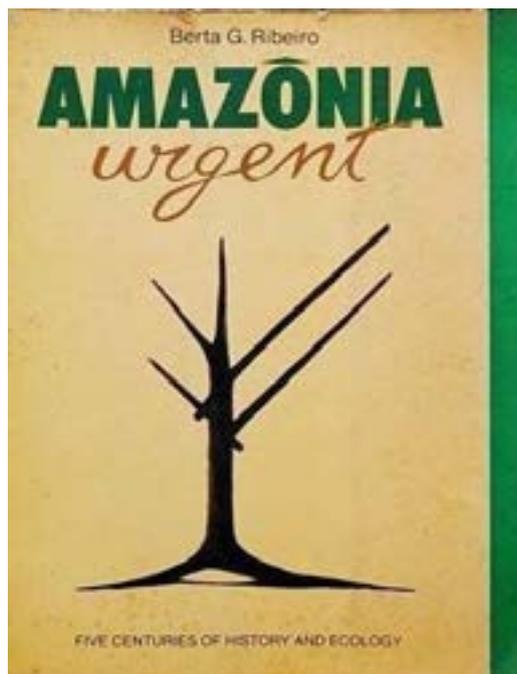
**Fonte:** Acervo pessoal da autora.

Essa coleção, realizada numa parceria entre a Editora Itatiaia e a Editora da Universidade de São Paulo é muito marcante na historiografia do tema pois através da publicação de narrativas sobre o Brasil deu espaço ao diálogo entre a tradução de produções internacionais com a produção local na década de 1970. O título da coleção e seu caráter quase que enciclopédico, evidencia claramente sua intenção: Reconquistar o Brasil através da reinterpretção de abordagem de ciências como a História, a Antropologia e aqui, a Museologia. Nesse sentido, a coleção Reconquista do Brasil que tem no total 306 volumes é dividida em três séries. A primeira apresenta traduções de relatos de viajantes. A segunda, traduções e republicações da Biblioteca Histórica Brasileira da Martins e a terceira, a qual se insere a publicação de Berta, é dedicada a livros de arte, sendo a menor série com apenas 13 volumes (RODRIGUES, 2012, p. 222).

A pesquisa apresenta-se dividida tanto na exposição como no guia, em: Trópico úmido: O ar, a água, a terra; Trópico úmido: O homem; A economia extrativista da Amazônia; Impacto de grandes projetos e Perspectivas alternativas, contando com diversas fotografias, mapas e ilustrações onde as preocupações sociais e ecológicas contidas vislumbram a construção de um “aproveitamento racional que não deprede a Hiléia” (RIBEIRO, 1990, p. 15) caracterizando a especificidade histórica e antropológica que na publicação também é dotada de linguagem museológica em prol de ampliar as formas de dizer sobre e dizer com as problemáticas da floresta.

Em seus percursos, a exposição teve montagem e adaptações em lugares como: o II Festival Latino Americano de Arte e Cultura em Brasília; em Salvador durante o II Simpósio de Cinema em defesa do Meio ambiente; no recebimento de menção honrosa no concurso “Prêmio Nacional de Ecologia” em 1989; na palestra ministrada em Coimbra a convite da Universidade de Lisboa também intitulada “Amazônia Urgente, cinco séculos de história e ecologia”; em 1992 na exposição integral “Amazônia Urgente” no metrô no Rio de Janeiro; em montagem da exposição “Amazônia Urgente” no Centro Cultural São Paulo em 1992 (ver figura 02); na montagem de exibição de “Amazônia Urgente” na ECO92 e em 1993 na exposição “Amazônia Urgente” em Belém, sob curadoria de Denise Hamu de La Penha e estudos aplicados na exposição “A diferença: diversidade Cultural indígena na Amazônia” promovida pelo governo brasileiro para a exposição internacional de Sevilha - Expo 92 com o apoio do governo espanhol e coordenação do Museu Paraense Emilio Goeldi. A identidade visual do guia assim como dos cartazes da exposição é marcante e é interessante notar a proximidade da versão em inglês com os cartazes de divulgação, que constituem uma espécie de carimbo simbolizada por uma árvore sem folhas, a qual imprime com fidelidade ainda que de maneira diferente da edição em português, qual é a sua característica de tratamento nos temas.

**Figura 02** – Capa do Guia em Inglês, versão de 1992.



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Outro aspecto interessante é o cartaz da figura 3, por exemplo, que foi produzido e impresso em oficinas da Secretaria Municipal de Cultura, em papel Kraft indicando uma preocupação ambiental até mesmo com a confecção e impressões.

**Figura 03** – Cartaz da exibição da exposição em São Paulo no Centro Cultural Vergueiro. Ano:1992.



Fonte: Acervo do Centro de Memória e Informação do Museu da Imagem e do Som de São Paulo (CEMIS). Consulta realizada presencialmente em julho de 2018.

Ao dialogar com diferentes saberes, campos do conhecimento e temporalidades, o guia da exposição nos fornece ferramentas capazes de investigações plurais, pois a quantidade de informações abarcadas por ele num período crítico dos estudos da Amazônia, além de constituir uma importante fonte para os estudos da História Ambiental no Brasil é capaz de proporcionar a sistematização de dados a fim de complementar pesquisas sobre a região e proporcionar reflexões que envolvam historicamente as mudanças nos modelos de desenvolvimento e considerem direitos sociais de populações marginalizadas historicamente devido a estes modelos. No caso, as investigações tanto da motivação da montagem da exposição como de sua publicação em forma de guia permitem compreender também as razões da versão americana do guia, publicada em 1992 e a demanda nacional que proporcionou a montagem da mesma em oito espaços expositivos diferentes, visando debater as problemáticas políticas, sociais, indigenistas e ambientais no Brasil durante a década de 80 e início de 1990 num viés de internacionalização e expansão da expografia em linguagem gráfica.

Na proposta apresentada, a publicação se caracteriza, nas palavras de Berta, como uma contribuição para a “formação de uma consciência ecológica que milite em favor da defesa dos ecossistemas e das populações amazônicas” (RIBEIRO, 1990, p.15) e assim como o guia, a *indigeneidade da paisagem* amazônica torna-se inegável a qualquer tipo de abordagem e área de estudo como é o caso do viés global ao tratar desse tema nos caminhos da História. Ao nos atentarmos ao caráter político da exposição e ao cenário de dicotomias existentes entre desenvolvimento, biodiversidade, extrativismo e condições sociais as interpretações desse *sistema mundo* denominado Amazônia através do guia da exposição repercutem as lutas do período de redemocratização brasileira, da Constituição de 1988 e de outras *Amazônias* possíveis.

## Considerações Finais

Levantamentos e reflexões analisadas demonstram que os sentidos sociais do patrimônio ambiental, visto aqui como a Floresta Amazônica em suas complexidades ameríndias, exigem análises potentes em congregar diferentes saberes e de articular a museologia como resultado de processos históricos específicos. Além dos consagrados e estratégicos momentos antropológicos de *Olhar, Ouvir e Escrever* (OLIVEIRA, 1996) o material da exposição contempla conexões regionais, nacionais e globais atribuídas e ressignificadas em diferentes intencionalidades e forças sociais. Com sensibilização política diante de questões elencadas como “urgentes”, a autora dedica uma categoria denominada *Nosso futuro comum* a fim de apontar alternativas, denunciar o assassinato de Chico Mendes e o impacto de ações no ecossistema amazônico.

A promoção de avanços teóricos indica o colapso da floresta em diferentes frentes, promovendo o engajamento social de cunho museológico a potência de que as próprias exposições tornem-se lugares produtores de teoria e conhecimento a partir do “fazer” cultural, isto é, da atuação e participação que os desdobramentos das ciências são capazes de produzir diante de fenômenos específicos, que operam nos níveis de estabelecer guias de exposição museológica como instrumentos de estudo de cultura material e disseminação de fontes históricas com abordagens interdisciplinares e recorte temático. Afinal, a região que excede fronteiras nacionais nos cobra também a transcendência das análises, sua particularidade e a investigação

amazônica em diferentes regiões e descolonizações sintomáticas capazes de objetivar, em escala global, as transformações dos sistemas da ecologia, as demandas de suas comunidades e a visibilidade histórica em suas particularidades, como “o nome correto e real desses povos, a descrição dos personagens, das datas e dos locais onde os fatos se sucederam” (PREZIA, 2017, p. 13) que são, em geral, uniformizados por narrativas museais hegemônicas.

Como fruto da integração e da *indigeneidade* da paisagem, as relações consolidadas sob esplendor e derrocada, marcadas por ciclos como a borracha e o garimpo, a militarização e as mudanças no conceito de desenvolvimento, a resistência organizada e os apelos internacionais, as tentativas de reforma agrária, os conflitos da mineração, extração ilegal e migrações, bem como muitos dos debates contemporâneos sobre a produção agrícola extrativista com seus dilemas ambientais são elementos sistêmicos que demonstram a necessidade de ativação museológica e patrimonial enquanto recurso, isto é, que sirva concretamente a todos e ao conjunto das dimensões do desenvolvimento, não apenas à cultura e ao turismo, mas também à sociedade em seu todo (VARINE, 2013, p. 83) contemplando as comunidades locais, a economia da região, a valorização dos processos de educação, o fortalecimento de identidades e a inserção social em plenitude. Essas ações rompem com o imaginário identitário globalizado, domínio e hierarquização de saberes, ainda presente sobre as questões amazônicas e os modos considerados tradicionais de conhecimento do mundo e da floresta.

Nesse sentido, o guia e sua análise se colocam aqui como uma oportunidade e modelo de ação combinada entre pesquisa e difusão crítica, podendo representar uma ruptura no ciclo de desvalorização e desigualdades de acesso aos bens culturais, pois essa conjuntura não pode ser explicada somente pelo “imperialismo ou colonialismo cultural, mas pela combinação de processos expansivos, exercícios de dominação e discriminação, inércias nacionalistas e políticas culturais incapazes de atuar na nova lógica dos intercâmbios” (CANCLINI, 2016, p. 94), o que justifica o olhar da história global ao guia e assim a novas fontes que possam buscar e reinterpretar outras histórias a fim de suprir análises que desconsideram os conhecimentos tradicionais em seu pertencimento e, conseqüentemente, favorecem a perda dos saberes, assim como da diversidade biológica das comunidades detentoras para fins acadêmicos e econômicos externos a elas.

Dessa riqueza cultural, conclui-se que há divergências representadas pela própria escassez de estudos sobre a obra de Berta Ribeiro, porém pensar a conjuntura que favoreceu a produção da obra, assim como as temáticas abarcadas por ela, foi fundamental para dar início aos estudos do guia que se apresentou como oportunidade de sistematizar abordagens museológicas sobre a Amazônia a fim de ampliar a produção historiográfica no tema e diversificar suas fontes, valorizando a produção intelectual brasileira e a supressão de algumas lacunas de estudos presentes para futuros pesquisadores, pois a escassez no uso deste tipo de fonte e em geral de pesquisas acerca da relação dos catálogos, guias e exposições museológicas pelo viés da História implicam nas investigações explanadas aqui e se colocam como necessidades demandando crescente associação de diferentes análises e áreas do conhecimento.

Ressalta-se também a importância, na história intelectual brasileira, de proporcionar mais visibilidade à trajetória das investigações da cultura material indígena realizadas por Berta Gleizer Ribeiro, que a partir da etnologia e de algumas expedições

sistematizou uma série de informações que abarcam, ao longo do tempo, mudanças ocorridas diante das influências culturais e políticas que envolveram as sociedades amazônicas e suas variantes.

É em âmbito de amplidão então que refletimos aqui as fitotípias que estão intrinsecamente escritas na floresta, de descobertas a reapropriações, navegamos na aceleração do tempo histórico não a fim de transitar, mas de fazer releituras possíveis para conceber outras formas de tornarmos presentes nas ciências amazônicas, suas conexões, poderes e histórias, tornando o espaço de experiência diante de Berta, seu lugar intelectual e sua trajetória marcada por muitas expedições, troca de cartas e elaboração de instrumentos para os estudos de cultura material, a incorporação dos diferentes conhecimentos impulsionados pela região amazônica num horizonte de expectativas marcado pelo que Koselleck (2006, p. 306) considera como *futuro passado*, no qual para nós o conhecimento passado é apropriado pela perspectiva museal a fim de não se distanciar completamente das experiências realizadas até então, mas reinterpretá-las com criticidade e sem anacronismos para o presente, de maneira que se torne capaz de projetar no tempo especificamente histórico a inserção da natureza como elemento que evidencia, conecta as mudanças no espaço e as projeta num futuro de integração entre homens, ciências, culturas e natureza.

Por fim, como fruto dessas integrações e possibilidades em movimentos de resistência que impediram e impedem a visão da Amazônia como mercadoria, o guia assim como a renovação museológica estão implicados de questões em comum como *quantos seriam os índios no Brasil Pré Cabralino* ou *quantos seriam os índios da América Pré-Colombiana*. No conflito, o cruzamento de fontes nos fornece respostas e constitui os espaços de encontro entre acervos, povos, vozes abafadas, línguas apagadas e até mesmo ruínas do museu entre artefatos não compatíveis (CRIMP, 2015, p. 41) que tornam fundamentais o alinhamento e a visibilidade dada a essas questões pela publicação de um guia que, categorizado como Livro de Arte, demonstra que a demanda museológica se repete como linguagem em crescente requerimento nas conexões amazônicas para além de suas fronteiras físicas, simbolizadas pelos sentidos de um imaginário comum traçados também pela socialização da função de preservação *de todas as cores, rumos, palavras e silêncios*<sup>15</sup> e por diferentes produções e linguagens de denúncias como artistas brasileiros ou naturalizados brasileiros, que através de suas obras criaram sensibilizações a estas tantas *Amazônias* como Frans Krajcberg e a denúncia ambiental que faz através de suas obras, as cores dos murais de Afrane Távora, a flora de Jair Jacqmont, as fotografias de malocas queimadas de Cláudia Andujar e tantos outros elementos que, em âmbito global, sensibilizaram inúmeros imaginários amazônicos e não amazônicos marcados por presentismos e apagamentos, de uma floresta que pulsa, sendo essa uma oportunidade não de referência totalizante, mas de abertura a futuros trabalhos nesse sentido e a infinitudes, desde que comprometidas criticamente, a uma série de interpretações das renegadas *Amazônias* possíveis.

## Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Maria Regina Celestino. *Os índios na História do Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2010.

<sup>15</sup> Carta Zapatista, México 2001. IN: PREZIA, 2017, p. 11.

BALÉE, William. Sobre a Indigeneidade das Paisagens. *Revista de Arqueologia*, 21, n.2: 09-23, 2008. Disponível em: <http://www.periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ra/article/view/3003/2524>. Acesso em 01 jun. 2018.

BENTO, Berenice. Necrobiopoder: Quem pode habitar o Estado-nação?. *Cad. Pagu*, Campinas, n. 53, e185305, 2018. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-83332018000200405&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332018000200405&lng=en&nrm=iso). Acesso em 12 jun. 2018.

CANCLINI, Nestor García. *A sociedade sem relato: antropologia e estética da lminência*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2016.

CHAUÍ, Marilena. *Brasil: mito fundador e sociedade autoritária*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2000.

CONRAD, Sebastian. *What is global history?* Nova Jersey: Princeton University Press, 2016. E-book. ISBN 9781400880966. Disponível em: <https://press.princeton.edu/titles/10748.html>. Acesso em 14 nov. 2018.

CRIMP, Douglas. *Sobre as ruínas do museu*. Trad. Marcelo Brandão Cipolla. 2ªed. São Paulo: Martins Fontes, 2015.

CUNHA, Manuela Carneiro. *Os índios no Brasil: História, Direitos e Cidadania*. São Paulo: Claro Enigma, 2012.

\_\_\_\_\_. *Políticas culturais e povos indígenas*. 1ª ed. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014.

ESTEVES, Antônio R. *A Ocupação da Amazônia*. São Paulo: Brasiliense, 1993.

FENZI, Nobert. Estudos de Parâmetros Capazes de Dimensionar a Sustentabilidade de um Processo de Desenvolvimento. In: XIMENES, Tereza (org.). *Perspectiva do desenvolvimento sustentável: uma contribuição para a Amazônia 21*. Belém: UFPA/NAEA; Associação de Universidades Amazônicas, 1997.

GARFIELD, Seth. *In Search of the Amazon: Brazil, the United States, and the Nature of a Region*. Durham: Duke University Press, 2013.

\_\_\_\_\_. “Onde a terra toca o céu”: Novos horizontes para a política indigenista no início do regime militar, 1964-1973. IN: *A luta indígena no coração do Brasil: política indigenista, a Marcha para Oeste e os índios Xavante (1937-1988)*. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

GUARNIEIRI, Waldisa Rússio Camargo. Conceito de cultura e sua inter-relação com o patrimônio cultural e a preservação. *Cadernos Museológicos*. Rio de Janeiro: IBPC, N.3, p. 7-12, 1990.

HARTOG, François. *Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo*. Coleção História e Historiografia. Autêntica, 2013.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

KOPENAWA, ALBERT, Bruce, Davi. *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami*. Trad. Beatriz Perrone Moisés. 1ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Editora PUC-RJ; Contraponto, 2006.

- LE GOFF, Jacques. Prefácio. In: BLOCH, Marc. *Apologia da história ou o ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- LEONARDI, Victor. *Os historiadores e os rios*. Brasília: Paralelo 12 e Editora da Universidade de Brasília, 1999.
- MARANDINO, Martha. *Análise sociológica da didática museal: os sujeitos pedagógicos e a dinâmica de constituição do discurso expositivo*. Educ. Pesquisa. São Paulo, v.41, n.3. jul-set. 2015
- MORAES, Antonio Carlos Robert. *Meio Ambiente e Ciências Humanas*. São Paulo: Hucitec, 2002.
- MUNDURUKU, Daniel. *Coisas de Índio*. 2ed. São Paulo: Callis ED. 2010.
- NEVES, Eduardo Goés. *Arqueologia da Amazônia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. O Trabalho do Antropólogo: Olhar, Ouvir, Escrever. *Revista de Antropologia*, Vol. 39, No. 1, 1996.
- PRADO, Caio Jr. *Formação do Brasil contemporâneo: colônia*. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- PREZIA, Benedito. *História da Resistência Indígena: 500 anos de luta*. 1ªed. São Paulo: Expressão Popular, 2017.
- RIBEIRO, Berta G. *Amazônia Urgente: Cinco Séculos de História e Ecologia*. Belo Horizonte, MG: Itatiaia, 1990.
- \_\_\_\_\_. Etnomuseologia: da coleção à exposição. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia* (4). São Paulo, 1994.
- \_\_\_\_\_. *O índio na história do Brasil*. Global, 1983.
- RIBEIRO, Darcy. *Os índios e a civilização: A integração das populações indígenas no Brasil moderno*. 3ªEd. Petrópolis: Vozes, 1982.
- RODRIGUES, Cristina Carneiro. Brasiliana e Reconquista do Brasil: projetos editoriais de traduções. *Revista de Letras*, V. 85, p. 219-230, 2012. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/122317>. Acesso em 12 jul. 2018.
- SANTOS JUNIOR, João Júlio Gomes dos; SOCHACZEWSKI, Monique. História global: um empreendimento intelectual em curso. *Tempo*, Niterói, v. 23, n. 3, p. 483-502, 2017. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-77042017000300483&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-77042017000300483&lng=en&nrm=iso). Acesso em 10 jun. 2018.
- SCHMINK, Marianne. WOOD, Charles H. *Conflitos sociais e a formação da Amazônia*. Belém: ed. Ufpa. 2012.
- VARINE, Hugues de. *As raízes do futuro: o patrimônio a serviço do desenvolvimento local*. Trad. Maria de Lourdes Parreiras Horta. 1ª Reimpressão. Porto Alegre. Medianiz, 2013.
- WALLERSTEIN, Immanuel. *The modern world-system: Capitalist Agriculture and the Origins of the European World-Economy in the Sixteenth Century*. New York: Academic Press, 1976. E-book. ISBN: 9780520267572. Disponível em: <https://www.ucpress.edu/ebook/9780520948570/the-modern-world-system-i>. Acesso em 14 nov. 2018.